

ARTIGO REF: 6915

ECO-PARQUE CÔARUPESTRE - ELEMENTOS DO CONCEITO AO PROJETO

Ana C.P. Pires¹, Luís M. Ferreira Gomes^{1,2(*)}, Cláudia S.M. Beato¹

¹Universidade da Beira Interior, Faculdade de Engenharia, DECA - Covilhã, Portugal

²Geobiotec, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal

(*)*Email*: lmfg@ubi.pt

RESUMO

O Ecoparque CôaRupreste pretendendo sustentar a sua atividade no Ecoturismo, privilegiando a arte rupestre local, desenvolveu um projeto de uma unidade hoteleira constituída por um “acampamento rupestre” associado a espaços especiais como o monumental menir e outros, que permitam aos turistas vivências e sensações de outros tempos. No presente artigo apresentam-se os principais elementos naturais, arqueológicos e outros do local e da região que levaram à definição do conceito que esteve na base da organização dos vários elementos a construir. Apresenta-se a organização do espaço global, dando maior ênfase à organização do “acampamento rupestre”, à arquitetura dos seus bungalows inspirada nas tendas dos homens rupestres, e por fim, explanam-se os elementos de uma praça com um menir, onde se associará um espaço para albergar animais com semelhanças aos que mais marcam todo o Parque Arqueológico do Vale do Côa: cabras, cavalos e auroques, bem como uma clínica veterinária, de modo a rentabilizar o Ecoparque num todo.

INTRODUÇÃO

Preâmbulo

O projeto do Ecoparque Côa Rupreste, partiu de um conjunto de objetivos estabelecidos pela essência do próprio lugar e os mesmos levaram à necessidade de compreender o conhecimento sobre o turismo sustentável, bem como compreender as infraestruturas e os espaços rurais culturais e inovadores que potenciassem o turismo cultural/sustentável de áreas de baixa densidade populacional. Após a compreensão e estudo traçou-se um conjunto de estratégias que fossem capazes de contribuir para uma riqueza rural, de forma a estimular as práticas culturais/eco-sustentáveis, e envolvimento dos visitantes e cidadãos na prática de um comportamento cultural/sustentável. Por fim, surge a proposta arquitetónica: um equipamento hoteleiro com espaços e serviços de lazer capazes de trazer descanso e relaxe aos turistas associado a aprendizagens especiais nas áreas arqueológica e do ecoturismo.

Enquadramento Geográfico

O Ecoparque Côa Rupreste localiza-se no concelho de Mêda, distrito da Guarda, na zona Centro-Norte de Portugal (Fig.1). Próximo do Ecoparque localiza-se o Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC). Esta é uma zona que foi demarcada em 1994 como Património da Cultura da Humanidade, devido ao encontro de vestígios e arte paleolítica nesta região.



Fig. 1 - Enquadramento geográfico da zona do Ecoparque CoaRupreste (a partir de Google Maps,2017).

O PAVC é considerado o maior museu ao ar livre do Paleolítico de todo o mundo (Fundação CoaParque, 2017); ao todo existem 17 km de sucessivos painéis rupestres, que remontam ao período paleolítico superior. Aqui podem-se testemunhar as mais antigas formas de arte, como as Gravuras do Vale do Côa. Existem 14 locais onde se verifica a arte rupestre. Esta representa normalmente figuras de animais como cabras, cavalos e auroques e estão suportadas em superfícies verticais de xisto.

Foi também nesta região, em Vila Nova de Foz-Côa, que foi construído recentemente o “Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa, inaugurado em 2010, tendo resultado de concurso público para os trabalhos de conceção e projeto cujo primeiro prémio foi atribuído à equipa de arquitetos Pedro Pimentel e Camilo Rebelo (Fundação CoaParque, 2017).

Outra característica da zona do futuro Ecoparque, é a sua localização junto na famosa região vinhateira classificada pela Unesco como Património da Cultura e célebre pela produção do famoso vinho do Porto.

Elementos Locais

O nome do lugar onde se desenvolve a maior área do Ecoparque CôaRupreste, é denominado por Lamigueira. Situa-se imediatamente a sul do povoado das Quintãs (Fig. 2) que é uma anexa da freguesia de Longroiva, concelho de Mêda. A área global abrange atualmente 17 hectares e é atravessada pela ribeira da Centieira, que toma o nome de ribeira dos Piscos logo a seguir aos terrenos do Ecoparque Côa Rupreste afluindo ao rio Côa, pela sua margem esquerda, alguns quilómetros para nordeste.

O local revela um elevado potencial paisagístico e potencial cultural. Os recursos naturais, neles incluídos, poderão promover o turismo sustentável e devido à descoberta de vestígios arqueológicos no local, poderá também possibilitar um turismo cultural.

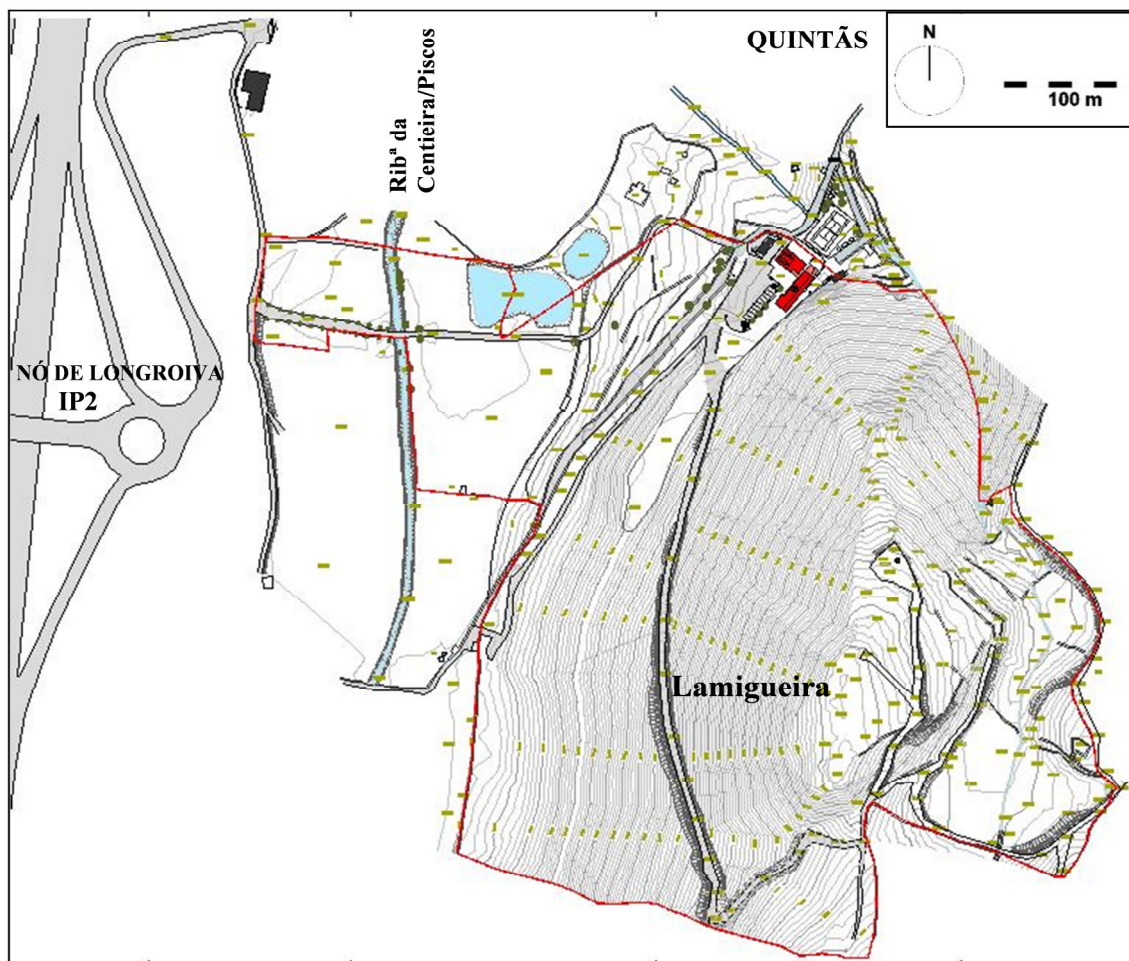


Fig. 2 - Localização do Ecoparque Cõa Rupestre, imediatamente a sul do povoado de Quintãs.

Em relação ao zonamento de aplicações, após a análise do local e tendo em conta as condicionantes e ainda a intenção de promover o local, determinou-se aplicar no Ecoparque as seguintes zonas (Fig.3a): 1 Parque Agordesportivo, 2 Edificação para Ecoturismo (já existente), 3 O Parque Agroecológico, 4 Parque Neolítico, 5 Parque de estufas, 6 Zona de habitação / Bungalows.

Existem elementos a ter em conta, pois alguns deles são ruínas e precisam de manutenção, mas serão relevantes para o desenvolvimento do Ecoparque (Fig.3.b), como por exemplo a anta (a comprovar) e os restos de antigo povoado na zona do Parque Neolítico.

Naquela zona foram encontrados imensos restos de antiga olaria, alguns deles com marcas de incisão em termos decorativos, um sílex cortante e um machado de pedra (Fig.4).

Até porque há a existência de um Menir ou seja um centro de religião Neolítica bastante perto deste local. Para além disso foi já também oficializado pelo Instituto português da arqueologia que aqui existem de facto vestígios neolíticos.

Existe também a potencialidade de criação de umas termas, ou simplesmente um espaço aqua-lúdico, devido ao local revelar um elevado potencial híbrido e geotérmico, como água sulfúrea de características termais.

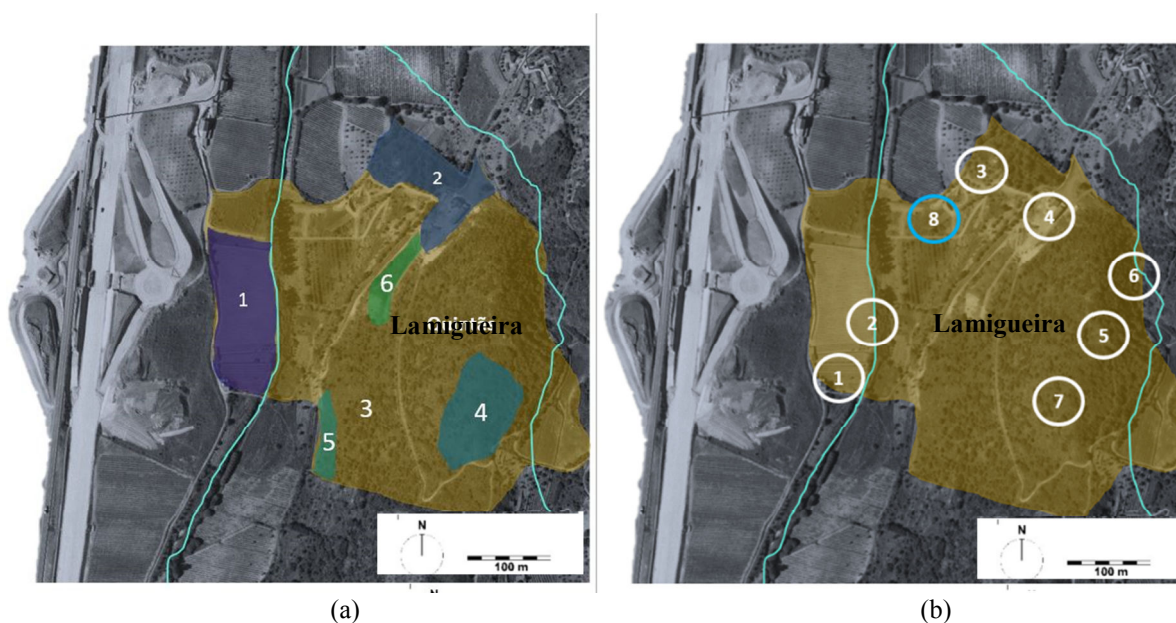


Fig. 3 - Elementos do Ecoparque Cõa Rupestre: a) zonas de aplicações - 1 Parque Agrodesportivo, 2 Edifício para Turismo Científico, 3 Parque Agroecológico, 4 Parque Neolítico, 5 Parque para estufas, 6 Zona para bungalows; b) elementos singulares - 1 Mina, 2 Ruína de caseta, 3 Ruínas de antigas habitações e antigo forno, 4 Edifício principal, 5 Pombal, 6 Ruína de moinho de água, 7 Anta e restos de antigo povoado, 8 Lagoa.



Fig. 4 -. Elementos pré-históricos encontrados no alto da Lamigueira: a) fragmento de olaria, b) sílex cortante, c) machado de pedra (C.R., 2015).

RECOLHA DE INFORMAÇÃO TEÓRICA

No sentido de realizar um Ecoparque, não só com o objetivo de valorizar o património ambiental, mas também o património cultural, foi importante para além de perceber o lugar, perceber como fazer um Ecoparque que fizesse jus ao lugar. Tal situação levou a uma das ferramentas mais importantes a ser utilizada aqui: a Arqueologia.

Por outro lado, pretendeu-se aliar à vertente arqueológica o turismo, de forma a acrescentar mais conteúdo ao local. Além de ser essencial perceber o que é arqueologia, como se faz arqueologia, a origem da arqueologia, a forma de datação, o desempenho da arqueologia bem como as formas de apresentar o passado ao futuro, surge também a necessidade de perceber o significado de conceito turismo. Ou seja, perceber a origem do turismo, os seus benefícios e

efeitos negativos. Bem como perceber como se pode fazer um turismo mais responsável, e neste caso surgiu assim a necessidade de introduzir aqui o turismo sustentável que por sua vez trouxe também o Ecoturismo.

A partir daqui, partir então para a organização espacial e revelar assim o impacto visual e cultural das infraestruturas de forma a transmitir o melhor do Ecoparque CôaRuprestre.

Assim, efetuou-se uma vasta pesquisa sobre aspetos arqueológicos, em especial nos períodos Mesolítico e Neolítico (Fig.5), de modo a desenvolver o conceito das infra-estruturas a projetar. Sob o ponto de vista arqueológico merecem referência os autores Cunha-Ribeiro (1990), Arruda (1993), Bahn (1996), e Ingrid (2007), podendo alguns aspetos detalhados sobre os mesmos serem observados em Pires (2016).

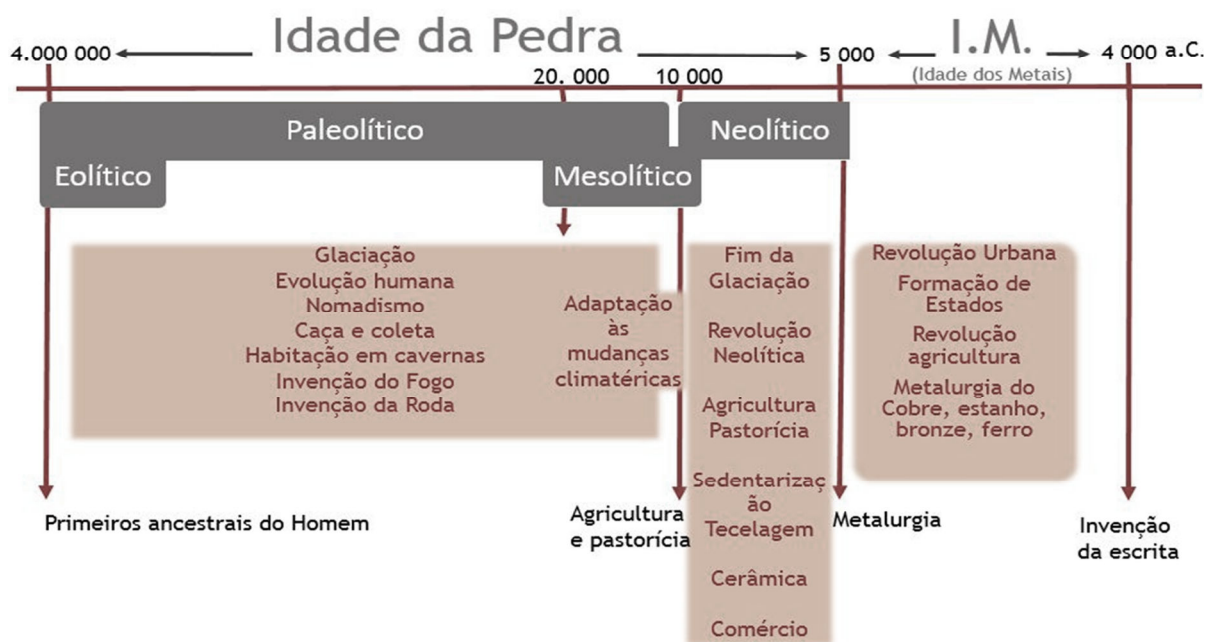


Fig. 5 - Cronologia da Pré-histórica, a partir de Arruda (1993, in Pires, 2016).

Sob o ponto de vista turístico de interesse ao presente trabalho, merecem referência os autores Cunha (1997), Domingues (1997), Dinis (2005) e Antunes (2012), sendo que os aspetos fundamentais de interesse ao presente trabalho foram sintetizados em Pires (2016).

CONCEITO

Partindo para a proposta final do Ecoparque Côa Ruprestre, o conceito de base partiu da impressão humana. Uma das características interessantes da zona, que marcam sem dúvida o lugar são as linhas vinícolas (Fig.6). Estas linhas marcam o lugar e a sua forma para além de ser uma marca humana, visualmente fazem também lembrar as impressões digitais do homem. Um aspeto que evidencia até a força das mãos que marcaram o desenvolvimento do lugar. Em Quintãs essas impressões estão escondidas e estão apagadas pelo tempo, mas o objetivo através deste ecoparque será reviver essas impressões e permitir assim dar a conhecer as práticas que outrora pertenceram a esta região.

Partindo dessa ideia, mais sinteticamente, o conceito foi reduzido ao aspeto formal da Figura 7, e tanto em planta como em corte, este vai ser a base da arquitetura das infra-estruturas do Ecoparque CÔaRupestre.



Fig. 6 - Vistas da região do Alto Douro (in Diário de Trás-os-Montes, in Pires, 2016).

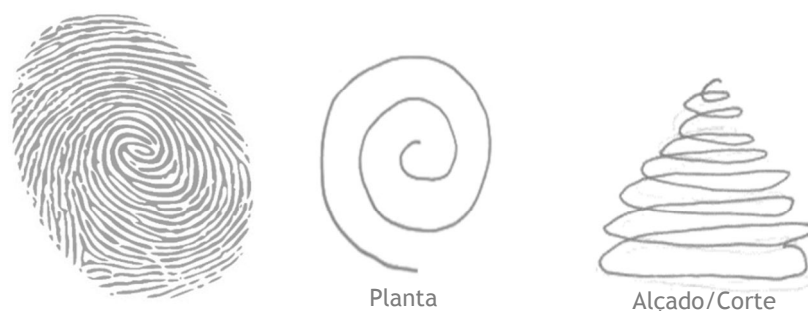


Fig. 7 - Síntese do esquema conceitual dos edifícios a partir da textura da impressão digital e das linhas vinícolas observadas em planta (Pires, 2016).

ECOPARQUE CÔA RUPESTRE

Menir Monumental

Na primeira infraestrutura, a proposta para além de ir ao encontro formal do conceito, vai também ao encontro da introdução de exemplos arcaicos da arquitetura primitiva. Neste caso, nesta infraestrutura introduziu-se um monumental menir.

O menir foi o primeiro símbolo da sedentarização humana. Na Europa os menires eram normalmente dispostos e alinhados com fenómenos astronómicos, como é o exemplo de um dos mais famosos menires, Stonehenge na Grã-Bretanha e estes, presume-se, tinham como objetivo criar um calendário, talvez para que os agricultores pudessem saber quando plantar e quando colher. Mas sem dúvida os menires são símbolos que demonstram e marcam a evolução do homem e por essa mesma razão nasceu esta proposta, com o objetivo de elogiar esse marco.

As propostas construtivas desta infraestrutura neste local basearam-se também nas suas dimensões. Neste caso o menir será monumental, porque não será um menir de 2 metros mas sim um menir gigantesco com cerca de 20 metros de altura. O terreno onde será implantada esta infraestrutura para além de permitir uma área plana em bom estado vai permitir uma acessibilidade facilitada e será o símbolo de entrada do Ecoparque (Fig.8).

Para além da instalação do monumental menir, será instalado um museu vivo onde serão demonstrados ao público e acomodados alguns dos animais que fizeram parte deste marco histórico do homem, como é o caso o auroque, a cabra montesa e o cavalo. Este conjunto, num todo, vai também permitir outros serviços, desde um clinica veterinária de apoio aos animais aqui expostos, até à criação de um museu didático e pedagógico que felicitará a componente da agricultura, porque os próprios animais serão uma das formas de sustentabilizar o lugar. Por exemplo, os seus excrementos podem ser utilizados como fertilizante para as terras e assim produzir agricultura biológica neste lugar.

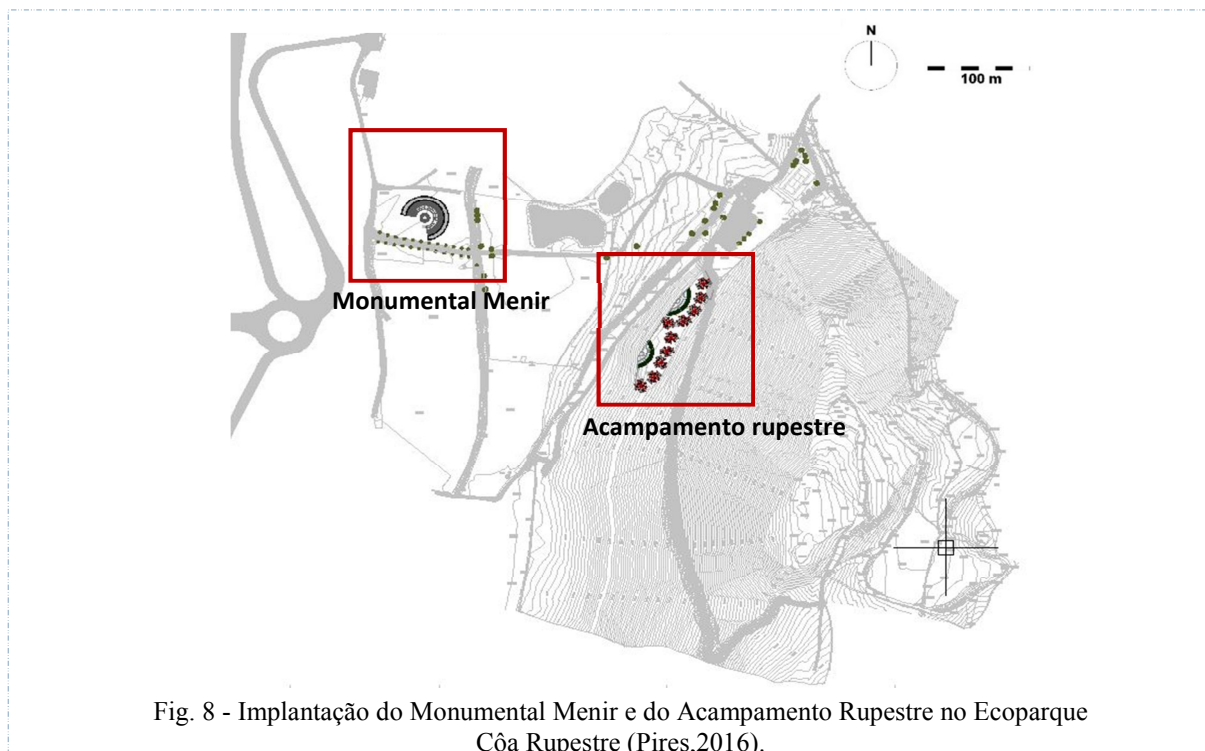


Fig. 8 - Implantação do Monumental Menir e do Acampamento Rupestre no Ecoparque Cõa Rupestre (Pires,2016).

Seguindo a proposta, esta foi desenvolvida tendo em conta a escala, bem como a sua relação com a envolvente. Formalmente, para além da introdução do menir no centro, o conceito e a intenção de introduzir um reflexo da impressão do homem e das camadas vinícolas, fez surgir a criação de várias cotas. Estas cotas em camadas vão-se fazer ver nos alçados e plantas devido à diferença de altura das diferentes zonas do edifício, que serão dadas consoante as funcionalidades existentes no interior do edifício (Fig.9). A nível da soleira vão existir 2 níveis; o primeiro nível à cota 0, e o segundo nível acessível por rampas, à cota a menos 30 centímetros. Tecnicamente foi necessário ter em conta alguns aspetos, devido à particularidade de se estar a lidar com animais.

Mais pormenorizadamente na lateral superior esquerda, funcionalmente vai existir uma clinica veterinária, com sala de espera, acessos, uma instalação sanitária, gabinetes médicos, bem como uma sala de operações, uma instalação sanitária para funcionários com chuveiros, uma sala de repouso para animais e um escritório. Seguidamente já na área do museu vivo, é criada uma zona técnica como os lavabos dos animais, uma instalação sanitária para os visitantes, a criação de boxes (compartimentos de alojamento de animais) que serão acessíveis da zona centro, e na lateral direita inferior a criação de arrumos especializados para o armazenamento de fenos e máquinas agrícolas.

Cada uma das boxes terá um vão que corre a lateral da boxe, mas este vão será executado com um vidro especial (vidro laminado) para o caso de se estilhaçar, este não fira os animais. Este tem muita resistência e protege os animais dos raios solares.

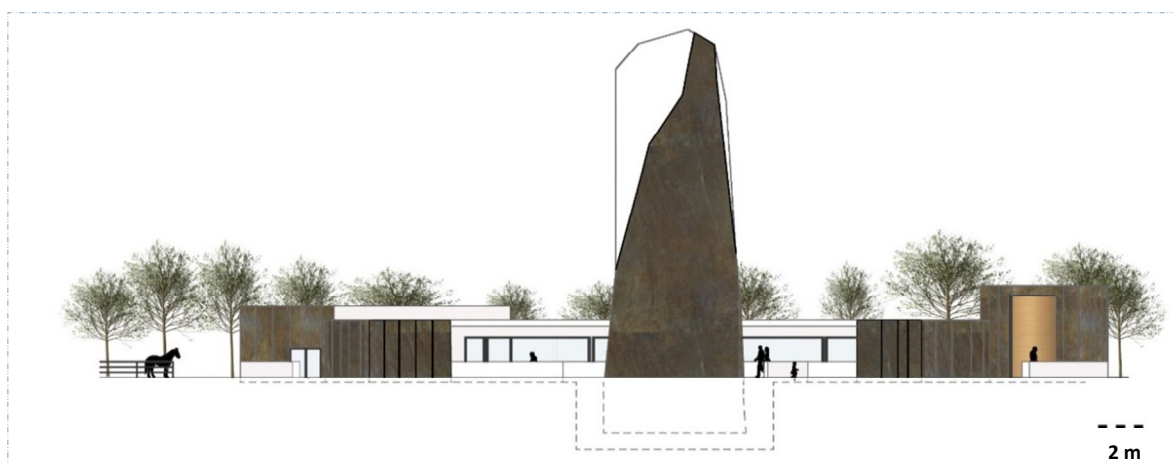
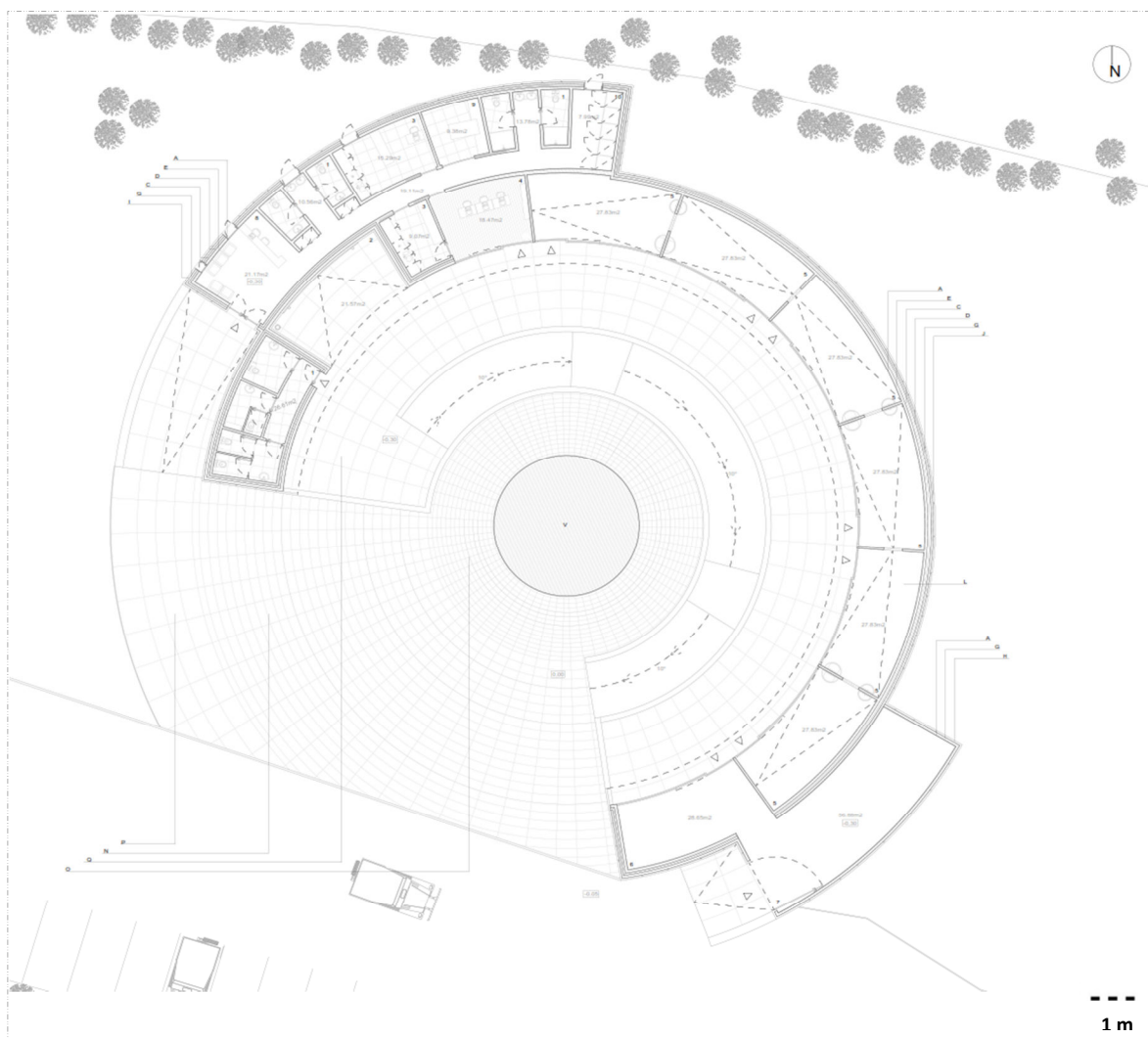


Fig. 9 - Planta do Piso 0 e Alçado Principal do Monumental menir do Ecoparque Côa Rupestre (Pires, 2016).

Existem ainda outras particularidades nas boxes, como o caso do vão que permite que os animais socializem, os bebedouros e comedouros que deverão ser de forma arredondada para não ferir os animais e o chão que deverá responder a certos requisitos tanto a nível do material usado, como ao nível de nivelamento. Ao todo serão 6 boxes, com 27 m² o que permitirá vários animais dentro de cada boxe.

Uma das particularidades também deste museu é o seu centro. O museu irá rodear a peça principal, o menir e destacará este dando à fachada interior uma cor branca. Na fachada exterior do museu a infra estrutura será revestida a placas de xisto. O xisto é um material local e as placas de xisto neste projeto têm cerca de 10 cm de espessura com altura e largura variável consoante a altura da fachada.

Acampamento Rupestre

Quanto ao acampamento rupestre, este terá como objetivo não só proporcionar dormidas, mas também proporcionar uma experiência primitiva, sensitiva e arcaica.

A sua conceção formal terá em conta não só o conceito mas também as primeiras estratégias primitivas formais, como o menir, a anta e vários exemplos de arquitetura arcaica de habitações e acampamentos. Uma outra das particularidades do local escolhido para o acampamento é ser uma zona plana perto da montanha da antiga aldeia arcaica e ter uma vista extraordinária para oeste (Fig.8).

Neste acampamento a organização formal vai-se centrar à volta de 2 núcleos, que incluirão um madeiro cada um (Fig.10). O objetivo é que o madeiro convide os visitantes a reunirem-se à volta da fogueira e troquem impressões e ideias. Para além disso vai existir um espelho de água, não só porque o lugar é cheio deste recurso natural, mas também porque embeleza e vai ser útil também na rega da zona das hortas. As hortas vão ser mais um meio dos visitantes terem experiências didáticas e pedagógicas e vai ao encontro da sustentabilidade.

Em volta a estes dois núcleos vão encontrar-se os bungalows; no total são 10 e têm cerca de 70m² de área cada. Um bungalow incluirá um piso 0 com quarto, instalação sanitária, sala/cozinha e um piso 1 com uma sala/quarto (Fig.11). Aqui também se terá em atenção os materiais, desde a utilização das placas do xisto como material revestidor, lembrando que é um material local, até à utilização da cortiça no revestimento interior, neste caso a cortiça escolhida foi uma cortiça de cor creme de forma a tornar o espaço interior menos pesado. A estrutura deste será metálica.

Elementos técnicos detalhados da proposta de intervenção no Ecoparque Cõa Rupestre poderão ser consultados em Pires (2016).

CONCLUSÕES

Apesar do despovoamento geral da zona, através da implantação de um Ecoparque Cõa Rupestre, espera-se uma maior valorização do património, bem como uma parceria enriquecedora com toda a envolvente do Douro Vinhateiro e Parque Arqueológico do Vale do Cõa.

Através da implantação de dois elementos principais como o Monumental Menir e o Acampamento Rupestre, espera-se que este Ecoparque proporcione experiências e excelentes espaços de ecoturismo, que valorizem os recursos da região/local e que faça homenagem aos homens do outro tempo, proporcionando aos visitantes a vontade de querer aprender, observar e viver experiências didáticas ligadas ao ecoturismo e arqueologia.

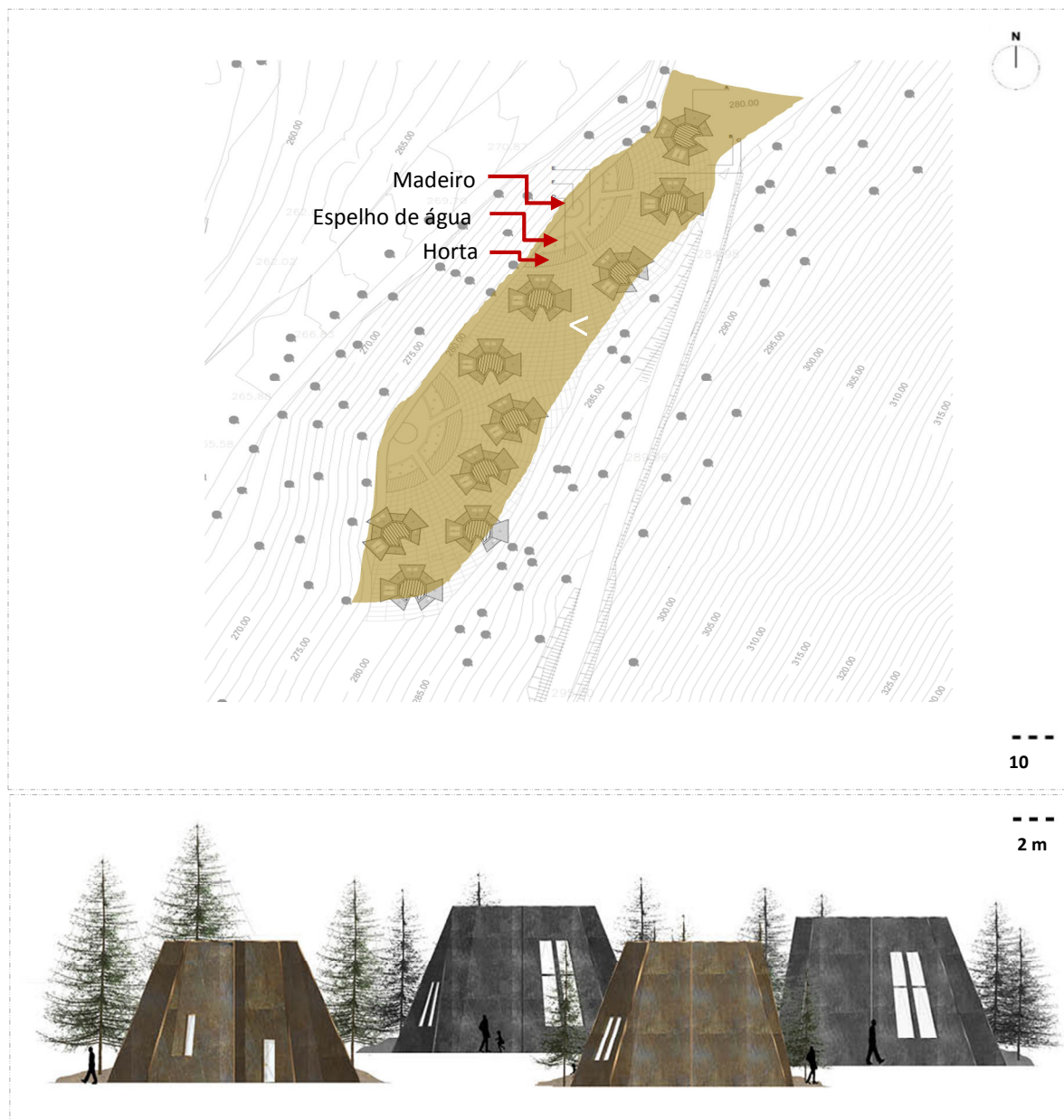


Fig. 10 - Implantação e composição visual dos alçados do “Acampamento Rupestre” no Ecoparque Côa Rupestre (Pires, 2016).

O monumental menir, no sentido de ser um espaço visitável e frequentado pelo público em geral, é constituído por espaços dedicados aos animais interligados com o tema da área, ao elogio do menir, e serviços veterinários, e ainda uma homenagem especial ao xisto de Foz Côa, que permite retirar das pedreiras elementos com comprimentos elevados como não é comum em qualquer parte do mundo. As pedreiras de Foz Côa tornaram-se famosas por ali se extraírem os esteios de xisto ardósífero para as vinhas do Douro; este xisto é das mesmas formações geológicas dos xistos das gravuras Rupestres.

Como perspetivas para o futuro, espera-se que este projeto se venha a concretizar, pois num todo, sem qualquer dúvida, acredita-se que juntando todas as valências do local, será um espaço singular pela positiva e único no mundo.

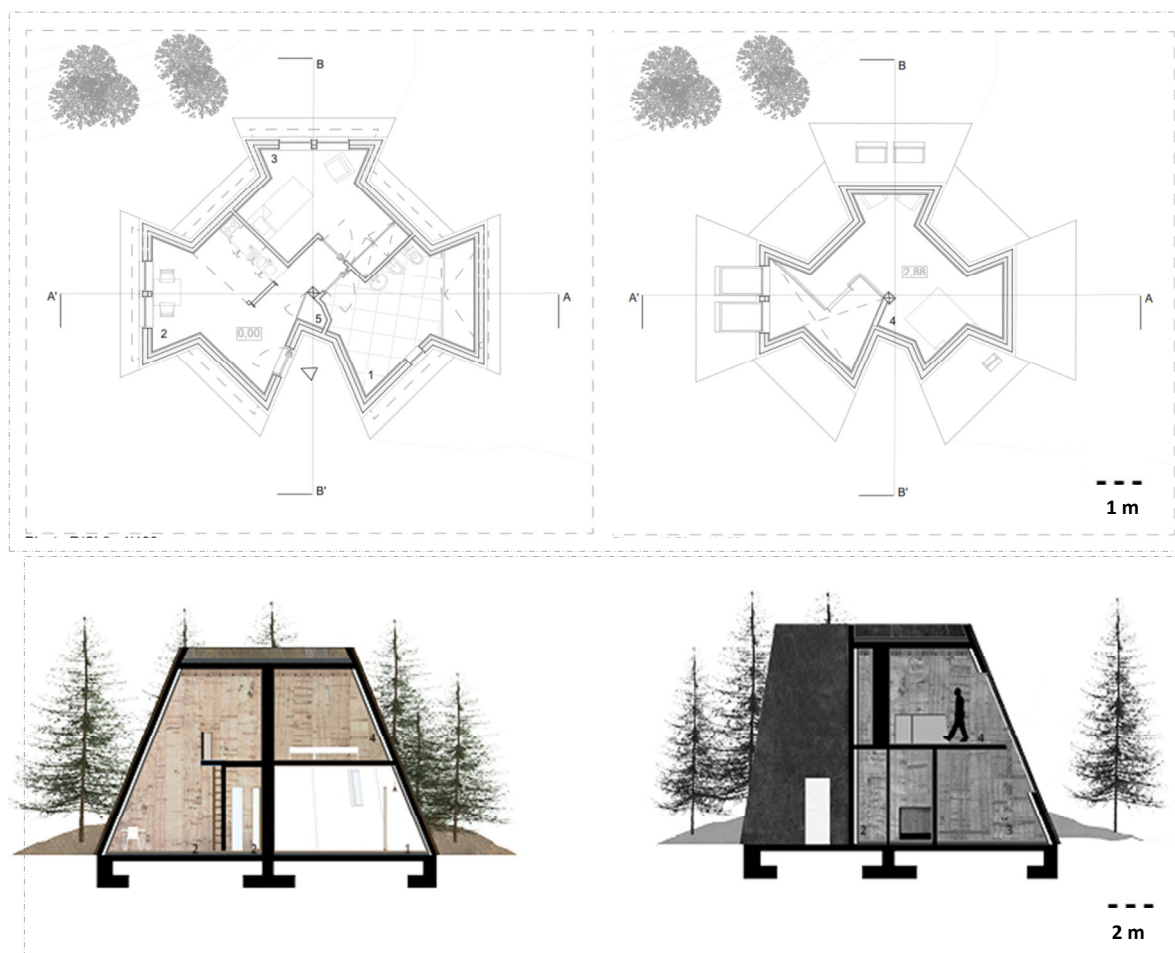


Fig. 11 - Planta do Piso 0 e piso 1 e composição visual dos Cortes A e B dos bungalows do Acampamento Rupestre (Pires,2016).

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem o suporte financeiro concedido pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), Portugal, através do financiamento plurianual da Unidade 10/225-UMNMEE.

REFERÊNCIAS

- [1]-Antunes, A.P. M., O Ecoturismo como Valorização do Território-Contributos para o Aumento da Oferta Turística Existente na Comunidade Intermunicipal do Médio Tejo. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa, 140 p., 2012.
- [2]-Arruda, J.J.A., *História antiga e medieval*, 16ªed. São Paulo, Editora Ática, 528 p., 1993.
- [3]-Bahn, P.G. (ed.), *Archaeology - A Very Short Introduction*, Oxford University Press, 118 p., 1996.
- [4]-Cunha, L., *Economia e Política do Turismo*, Editora Sustentável, Lisboa Editorial Verso, Alfragide, 350 p., 1997.

[5]-Cunha-Ribeiro, J. P., A Pré-história. In: Serrão, J.; Marques, A. H. O. (eds). Nova História de Portugal. Lisboa, Presença, pp.17-74., 1990.

[6]-CR, Côa Rupestre; Projeto Ecoparque Côa Rupestre, Memória Descritiva (Relatório Inédito). Côa Rupestre, Agroturismo e Ambiente, Lda., 2015.

[7]-Dinis, S. M., O Ecoturismo: um instrumento para o desenvolvimento sustentável. Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Economia e Gestão, 117 p., 2005.

[8]-Domingues, C.M., *Prontuário Turístico*, Lisboa, Instituto Nacional de Formação Turística, 1997.

[9]-Fundação CoaParque; *Fundação*, Fundação Côa Parque, site: <http://www.artecoa.pt/index.php?Language=pt&Page=Gravuras&SubPage=Localizacao>, 2017.

[10]-Google Maps; "Google Maps/Google Earth". Site: <https://www.google.pt/maps/@37.2218524,-18.8275045,5z>, 2017.

[11]-Ingrid (2007), Mais sobre a cabana primitiva, Habitação, site: <http://arqhabitacao.blogspot.pt/2007/07/mais-sobre-cabana-primitiva.html>, visitado em Julho de 2015.

[12]-Pires, A.C.P., Eco-parque Côa Rupestre-Coletividade turística autossustentável. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Universidade da Beira Interior, 139p., 2016.